

# 1972 A Morte de "Che" Guevara

Rubem Braga

**A**GORA que parece estar confirmada a morte de Ernesto «Che» Guevara, releio seu livro «A Guerra de Guerrilha», que tenho em tradução francesa.

O livro é dedicado a Camilo Cienfuegos, um dos combatentes mais populares do exército revolucionário de Cuba, tão popular que sua morte em um desastre de avião, em 1959, chegou a ser atribuída, pelos inimigos da revolução cubana, a ciúmes de Fidel Castro ou ao irmão deste, Raul. A certa altura Guevara escreve: «... o que o matou foi também seu caráter. Camilo não media o perigo, utilizava-o como diversão, brincava com ele, atraía-o e o manobrava; em sua mentalidade de guerrilheiro, nenhum obstáculo podia deter ou deformar a linha que ele traçara».

Essas palavras se aplicam também certamente ao «Che», que teve a morte perfeita de um aventureiro idealista. Contam que, já mortalmente ferido, ele disse a oficiais governistas o seu nome, e acrescentou que havia fracassado. Ora, a imagem que mais naturalmente se faria de um guerrilheiro sul-americano seria a de alguém que, antes de morrer, dissesse alguma frase retumbante capaz de passar à História («morra» isto ou «viva» aquilo) ou um soberbo palavrão de desprezo. Parece característico de seu temperamento e de sua formação ter dito apenas uma frase de autocrítica.

A imagem que pessoalmente conservo de Guevara (uma entrevista coletiva que ele deu a um grupo de jornalistas brasileiros em Havana) combina de certo modo com essa versão dos oficiais bolivianos. Pareceu-me um homem incapaz de qualquer fanfarronice, em quem a paixão política era servida por um espírito lógico, analista, preocupado em extrair da experiência lições práticas, de técnicas de ação.

Muito mais frio e menos palavroso que Fidel, ele suportou, sem aparente emoção, uma pergunta provocativa que lhe fiz, (provocação puramente profissional, de repórter, para levar o entrevistado a abrir mais o jôgo) ao passo que o chanceler Rôa respondera com um discurso bombástico e indignado a uma observação minha, bem mais inocente, e Fidel Castro atalhara, com uma explosão indignada, uma pergunta de Fernando Sabino.

Seu famoso livro, além de conselhos práticos de um verdadeiro manual de guerrilheiro, analisa a aplicação, a outros países da América Latina, da experiência da revolução cubana. Ele estabelece, de saída, que «na América subdesenvolvida o terreno fundamental da luta armada deve ser o campo». Sabe-se que ele não acreditava na possibilidade de uma libertação nacional e social da América Latina sem luta armada, sem o uso da violência. Os dois conceitos associados apontam como saída única de nossos males a guerrilha, tese que me parece errada e de resultados contraproducentes, pois na prática pode levar a um indesejável agravamento da reação. Confesso que estou muito mais com D. Helder, quando conclama seus fiéis a uma luta vigorosa, mas dentro da lei, pelo desenvolvimento do país sem sujeição a nenhuma potência estrangeira e pela promoção do homem brasileiro através do que ele chama de conscientização das massas, para que elas conheçam seus direitos e lutem por eles: politizar o trabalhador e o homem do povo no sentido cristão e democrático.

Guevara diz em seu livro que uma condição sine qua non da guerrilha é o apoio total da população local. É possível que bem antes da refrega em que perdeu a vida ele já estivesse desconfiado, ou certo, de que errara ao analisar as condições existentes na Bolívia. O teórico ou, se preferirem, o técnico, fracassara. O homem, entretanto, não podia recuar; sua dignidade de guerrilheiro levou-o a esquecer aquêle «princípio fundamental» de seu livro de não se empenhar em batalha, combate ou escaramuça sem a vitória garantida.

Errado ou não, ele morreu certo, e merece, pelo menos, respeito.